

REVISTA DE

DA BIBLIOTECA NACIONAL

História



Leopoldina

A imperatriz da Independência

Chica da Silva, o mito na sala de aula
A crise do progresso, por Octavio Paz
Castro Alves quando a praça era livre

www.rainhastragicas.com

A imagem da capa

PATRÍCIA SOUZA LIMA

Sabe a tristeza, a arquiduquesa Leopoldina. A arte do retrato naturalmente comporta uma troca de olhares, que nos conta da maneira de ser e de agir do retratado, reportando-nos a ideias, gostos, valores estéticos ou morais de outrora. Ela nos vê, ruborizada, com interesse, em discreto sorriso. Através de sua retina, os ares do Congresso de Viena emprestam à palheta de cores um tom de tensa expectativa.

O austríaco Josef Kreutzinger (1750-1829), formado pela Academia de Belas Artes de Viena e mais tarde nomeado pintor real da corte dos Habsburgo, é quem nos transporta para este contexto. Esta tela em óleo, em especial, está no Museu Kunsthistorisches (Viena), mas pertence ao palácio de Schönbrunn. Kreutzinger, exímio retratista, também trabalhou como gravador de cobre em Viena, Munique e São Petersburgo, influenciado pela arte francesa.

O palácio de Schönbrunn era o centro político do Império Austríaco, especialmente no século XIX, auge da dinastia dos Habsburgo (1281-1918). De 1805 a 1809, durante a Guerra da Terceira Coalizão, é ocupado por Napoleão Bonaparte e comitativa. Em 1815, data deste retrato, finda a era napoleônica, Leopoldina completava 18 anos. Ali, sua estimada irmã Maria Luísa, casada com Bonaparte em 1810, recolhia-se com o filho Napoleão Francisco, enquanto em Viena chefes de delegações de diversas nações decidiam os rumos da Europa num impulso conjunto de reação aos movimentos revolucionários.

Leopoldina também guarda no olhar melancólica expectativa. É o que nos revelam impressões em diário íntimo e em cartas. Sente-se privada da companhia dos seus, nesse tempo de revoluções, quase todas dirigidas contra a ordem político-social monárquica, que dominava colônias no além-mar; quase todas feitas em nome da liberdade, da democracia política ou social, da independência ou da salvaguarda de unidades nacionais.

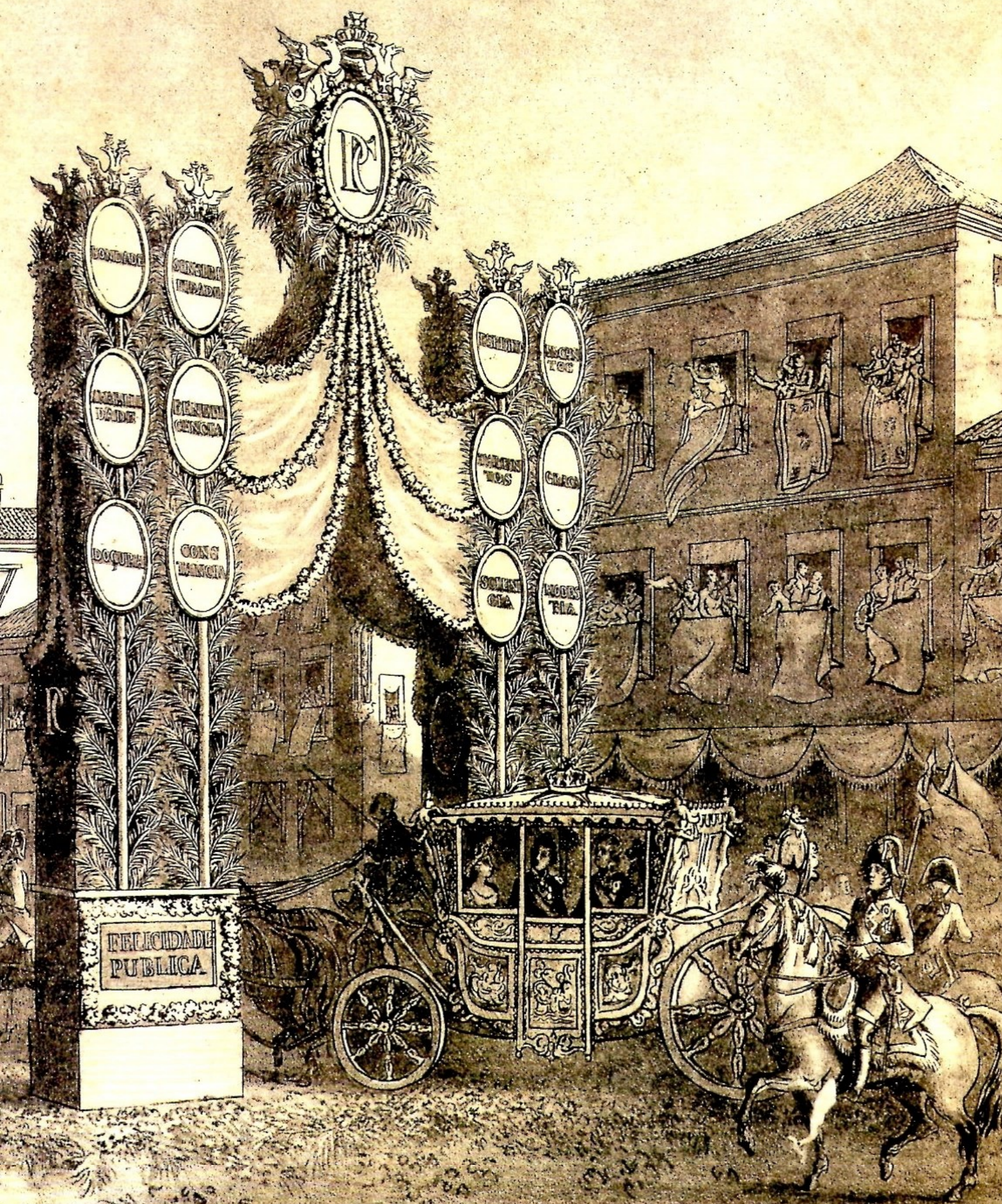
Queixa-se de tantas medidas e trajes de gala em festas, saraus, bailes de máscaras e outros prazeres que tomaram os salões do palácio vienense, ao som de valsas e da presença de Beethoven. Contudo, os traços peculiares de sua personalidade são então fortalecidos: de boa esposa e mãe dedicada aos filhos como Maria Teresa e Maria Luísa, de mulher inteligente e perspicaz como Maria Ludovica, seja na atividade política, seja no gosto pela arte e pela natureza. Sensível, teria sido diferente sua sorte caso não sofresse o destino selado das mulheres Habsburgo ao fazerem parte de negociações políticas alheias à sua vontade. Casavam-se sem qualquer autonomia de escolha em nome do império paterno.

Nesse mesmo ano de 1815, o Brasil dava passos largos, elevando-se a Reino Unido a Portugal e Algarves, em estratégia da monarquia portuguesa para se aproximar dos plenipotenciários que se dirigiram à corte austríaca. O fato de Leopoldina ter vindo para o Brasil não a poupou das perturbações da era napoleônica, mas, de certa forma, a preservou dos rumos revolucionários futuros.

Morou em Schönbrunn até 1817, quando desembarcou na América. Seus olhos não fitaram mais os retratados por Kreutzinger.



Arquiduquesa Leopoldina, filha de Franz II (I)
óleo sobre tela de Josef Kreutzinger (1815)
46 x 39 cm
Museu de História da Arte, Viena – Áustria



Sedutora tradição

Sobre Maria Antonieta de Habsburgo, a rainha da França guilhotinada em 1793, o escritor austríaco Stefan Zweig afirmou que fora atingida por um destino que não conseguiu dominar. Suas horas mais trágicas não teriam sido as das grandes tempestades, mas aqueles dias radiantes em que sob a luz do sol desprezava a responsabilidade histórica que lhe fora legada.

Representantes da Casa de Habsburgo – família real de origem alemã e uma das mais antigas dinastias da Europa, que governou entre os séculos XIII e XX – Maria Antonieta e Leopoldina Francisca representaram diferentes possibilidades do destino para as princesas europeias do final do Antigo Regime. Nos dois casos, a morte foi apenas o fim do longo açoitado chamado infelicidade.

No dossiê que se segue, lampejos do universo pessoal, familiar e político da imperatriz Leopoldina buscam chamar a atenção do leitor para o crescimento dessa mulher de passividade refletida e, dentro de sua realidade, responsável. Enviada à América pela diplomacia da Restauração, participou do jogo político que resultou na Independência e na fundação do Império do Brasil. Solitária e melancólica, morreu aos 29 anos queixando-se da tragédia de sua vida privada, e deixando um olhar crítico ainda muito pertinente sobre o tipo de sociedade e de formação cultural que viu reinar por aqui.

CLÓVIS BULCÃO

Uma Habsburgo nos trópicos

A filha do imperador da Áustria veio para o Brasil se tornar imperatriz e enfrentar as intrigas da nova corte



A

PESAR DA EDUCAÇÃO PRIMOROSA, a arquiduquesa do império austríaco, filha do imperador Francisco II (1768-1835), nunca foi objeto de grandes esperanças em seu país natal. Ninguém poderia imaginar que ela viesse a construir aqui a história que conhecemos. Duas gerações antes da princesa Isabel comandar os destinos do país e dois séculos antes de Dilma Rousseff vislumbrar ser presidente, a austríaca Carolina Josefa Leopoldina Francisca Fernanda de Habsburgo-Lorena, que se tornou aqui a imperatriz Leopoldina, foi a primeira mulher no Brasil a ter reconhecido o seu papel político.



No detalhe da página anterior, as fragatas Áustria e Augusta que trouxeram D. Leopoldina e os membros da corte austríaca para o Brasil em agosto de 1817. A futura imperatriz tinha como bagagem "cerca de 40 caixas da altura de um homem", contendo seu enxoval, biblioteca e presentes para a casa real.

A imperatriz D. Leopoldina, desenhada de costas pelo inglês Charles Landseer, enquanto andava a cavalo (s/d).

Tanto ela como os irmãos mais próximos, Fernando e Maria Luisa, tiveram como "tutor" o nobre diplomata príncipe de Metternich (1773-1859), conhecido por ser "implacável" em suas decisões. Os jovens da casa de Habsburgo levavam uma vida espartana. Alvorada às 7h30, missa às 8h30 e, na sequência, aulas de línguas (latim, francês e italiano), matemática, literatura, história, religião e ciências naturais. Eram frequentes as excursões de estudos: museus, jardins botânicos, fábricas e campos agrícolas. Era uma leitora voraz. Foi ainda bem jovem admitida na Ordem da Cruz d'Estrela, instituição da aristocracia austríaca que, entre outras coisas, pregava a prática de obras de assistência espiritual, difundindo valores como a fé e a honestidade.

Apesar de tudo, segundo o historiador Walter Tritsch, biógrafo da família imperial austríaca, Metternich não via com bons olhos a educação dos filhos do imperador. Sobre Leopoldina nunca escondeu sua opinião e em carta a Francisco II disse, "cá entre nós, é uma criança que eu, se fosse pai, bateria".

Foi após o casamento de sua irmã, Maria Luísa, com Napoleão Bonaparte que Leopoldina passou a se dedicar mais às coleções, mania herdada do pai. Colecionava moedas, conchas, flores, plantas

e minerais. Esses objetos, anos mais tarde, formariam o acervo inicial do atual Museu Nacional.

No campo da política, aos 17 anos, Leopoldina demonstrou ser uma observadora atenta do Congresso de Viena: criticou o comportamento do rei de Wurtemberg, pois não respeitava o cerimonial austríaco, e admirou a franqueza do rei da Dinamarca, que falava franca e educadamente o que pensava. Mas a essa altura seu destino parecia selado.

Quando o diplomata português e ministro plenipotenciário do Império do Brasil junto à corte da Áustria, Rodrigo Navarro de Andrade, aventou a possibilidade de casamento entre o herdeiro de Portugal e a jovem austríaca, Metternich logo se interessou pelo caso. Apesar de Portugal ser visto como um reino de terceira grandeza, a opção era bem vantajosa. O governo austríaco entendeu que haveria a chance de ter ascendência sobre um gigantesco império, com colônias espalhadas pelo mundo, sendo que uma delas, o Brasil, com enormes possibilidades futuras.

O imperador da Áustria ainda se preocupou em saber quem era o noivo e chegou a hesitar. Circulavam notícias de que D. Pedro, além de ser epilético, não gozava de boa moral. Mas as preocupações de Francisco II acabaram sendo atropeladas pela



Saiba Mais

OBERACKER, Carlos. *A Imperatriz Leopoldina*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1973.

RANGEL, Alberto. *Dom Pedro e a Marquesa de Santos*. Tours (France): Typografia de Arrault e Cia., 1928.

Nesta e na página seguinte, a vista de duas importantes praças na Áustria e no Brasil, respectivamente. São Miguel, com a fachada do antigo Teatro da Corte de Viena, em gravura da segunda metade do século XVIII, e o Campo de Santana, no Rio de Janeiro, em gravura de Franz J. Frübeck, integrante da missão austríaca que veio ao Brasil (1817).



decisão diplomática de unir a casa de Habsburgo com a de Bragança. Já a futura imperatriz, mesmo sabendo dos boatos, em carta à irmã, revelava todo o seu otimismo: “elogia-se toda a família, que se diz cheia de bom senso e de qualidades nobres”.

Leopoldina embarcou no porto de Livorno em 13 de agosto de 1817, trazendo cerca de 40 caixas da altura de um homem, contendo, além de seu enxoval, sua biblioteca, suas coleções e os presentes para a casa real. Sua comitiva era composta de algumas damas da corte, uma camareira-mor, um mordomo-mor, seis damas, quatro pajens, seis nobres húngaros, seis guardas austríacos, seis camaristas, um esmoler-mor, um capelão, um secretário particular, um médico, um mineralogista e o professor de pintura.

O imperador da Áustria ainda se preocupou em saber quem era o noivo: D. Pedro, além de ser epilético, não gozava de boa moral

Antes de conhecer sua nova família e a cidade em que viveria, ficou maravilhada com a primeira visão: “A entrada do porto é sem par, e acho que a primeira impressão que o paradisíaco Brasil faz a todo estrangeiro é impossível descrever com qualquer pena ou pincel: basta que lhe diga: a Suíça unida ao mais belo e ameno céu”, contou ao pai através de carta. Ainda faltava conhecer sua nova família.

Segundo o testemunho da condessa de Kumburg, assim foi o primeiro encontro, ocorrido

ainda a bordo do barco que trouxera a arquiduquesa, “o rei [dom João] apresentou à arquiduquesa o esposo, seu filho, que lhe entregou o presente de noivado, sendo uma caixa de ouro cheia de ricos brilhantes lapidados”. “Ele [Pedro] estava sentado em frente da nossa princesa, os olhos baixos, levantando-os furtivamente sobre ela de tempo em tempo, e ela fazia o mesmo; neste dia ela estava verdadeiramente bem”.

Nesse momento, Pedro, com 19 anos, e Leopoldina, com 20, já estavam casados. O que faltava era a consumação. Na família real de Portugal, respeitando uma tradição do Antigo Regime, esse fato acontecia quase publicamente e foi assim descrito por uma das damas da noiva: “a rainha e todas as princesas assistiram à sua *toilette* de noite: eu fui obrigada a despi-la na cama e esperar até que o príncipe ficasse a seu lado na cama. Então, felizmente, permitiram que saísse”.

Doravante, a jovem Leopoldina teria que aprender a conviver com uma Corte partida em três, o partido de D. João, o da sogra Carlota Joaquina e o do marido Pedro. De todos os seus novos parentes o de trato mais fácil parece ter sido o sogro. Sentimento assim registrado, em carta ao pai, logo após a sua chegada: “Amo e estimo o meu sogro como a um segundo pai, e acho que ele se parece muito com o Senhor, caríssimo papai, no que toca à bondade de coração e ao amor ao seu povo”.

Já em relação à espanhola Carlota Joaquina, o sentimento era diferente: “A sua conduta (...) é vergonhosa e desgraçadamente já se percebem as



consequências tristes nas suas filhas mais novas que têm uma educação péssima e sabem aos 10 anos de idade tanto como as outras que são casadas”.

A opinião sobre o marido, Pedro, oscilava. Em carta à irmã Maria Luísa, ela revelava que o convívio com o esposo nem sempre era fácil: “Diz ele tudo o que pensa, e isso com alguma brutalidade; habituado a executar sempre a sua vontade, todos devem acomodar-se a ele; até eu sou obrigada a admitir alguns azedumes”.

Ao mesmo tempo, Leopoldina tinha que lidar com outro grande inconveniente: o comportamento libidinoso do esposo. Logo que chegou ao Rio de Janeiro, Pedro estava apaixonado pela dançarina francesa Noêmi Valency. A presença da arquiduquesa não foi suficiente para acabar com o romance. Era obrigada a acompanhar o marido à residência de um membro da corte, Pedro José Causper, onde era entretida pelos donos da casa enquanto ele sumia com a amante.

Leopoldina foi obrigada a conviver com o clima de permanente intriga entre os cortesãos e os membros da própria família Bragança. Carlota batia no filho Pedro em público. D. João não confiava no herdeiro de seu trono. O rei e Carlota Joaquina nem moravam juntos: ele, na Quinta da Boa Vista, e ela, no longínquo bairro de Botafogo. Tudo isso era motivo de muita tensão para a arquiduquesa: “Seria muito feliz, caso não tivesse que lutar contra intrigas e outras contrariedades”. Era o fim da percepção de que estava no paraíso terrestre: “Você supõe que o Brasil seja um trono de ouro; mas ele é um jugo de ferro”.

Após 1820 tudo ficou ainda mais difícil: o retorno da família real para o reino, a perda de dois de seus três primeiros filhos, a tensão causada pelas tropas lusas no Rio de Janeiro e um rosário de traições do marido. No ano da declaração de independência, Leopoldina tinha 25 anos. Desobedecendo à orientação do pai, engajou-se na luta contra o proje-

Leopoldina foi obrigada a conviver com o clima de permanente intriga entre os cortesãos e os membros da própria família Bragança

to de recolonização de parte das cortes portuguesas. Passou a distribuir laços de seda verde aos simpatizantes da causa brasileira e, apesar de sua formação tradicional e de todas as decepções pessoais por que passou nestas terras, defendeu publicamente as ideias liberais em nome da monarquia nos trópicos.

Em 10 de maio escreveu ao marquês de Marialva: “Eis uma verdadeira sorte que tenha sido decidida nossa permanência no Brasil, segundo minha maneira de ver, e pensando em política, esse é o único meio de evitar a queda total da monarquia portuguesa”. Em 7 setembro, D. Pedro não vacilou ao ler a última frase de sua carta: “tereis pois o apoio do Brasil inteiro e, contra a vontade do povo brasileiro, os soldados portugueses que aqui estão nada podem fazer”. **H**

CLÓVIS BULCÃO É AUTOR DE LEOPOLDINA: A PRINCESA DO BRASIL (ROCCO: 2006).



SONIA SANT'ANNA

Formação de uma imperatriz

Leopoldina, arquiduquesa d'Áustria, vive seus primeiros anos em uma Europa agitada pelas guerras napoleônicas



AROLINA JOSEFA LEOPOLDINA Francisca Fernanda de Habsburgo-Lorena, arquiduquesa d'Áustria, nasceu em Viena, em 22 de janeiro de 1797. Era bisneta de Maria Teresa, a Grande, e sobrinha-neta de Maria Antonieta, rainha dos franceses.

Sua infância e juventude seriam vividas sob os sobressaltos de sucessivas guerras. Era ainda bebê quando Napoleão Bonaparte (1769-1821) infligiu as primeiras derrotas aos exércitos austríacos. Duas vezes seria obrigada a fugir de Viena a ponto de ser ocupada pelo imperador dos franceses. E, invariavelmente derrotado, seu pai, Francisco II (1768-1835), imperador do Sacro Império Romano – que



compreendia a atual Alemanha, Áustria, Suíça, República Tcheca, Bélgica, Países Baixos, parte da Polônia, da França e da Itália – era obrigado a ceder parte de seus territórios. Em 1804, percebendo que o Sacro Império se esfacelava, decidiu conservar apenas o título de Francisco I, Imperador da Áustria e Rei da Boêmia e da Hungria.

Mas longe do troar dos canhões, no lar de Francisco e Maria Teresa de Bourbon Nápoles, segunda esposa de Francisco e mãe de Leopoldina, a vida corria tranquila. Ele, de gostos simples, preferia os prazeres da vida em família a um cerimonial faustoso de corte. Poliglota, culto e muito religioso. Ela, bonita, inteligente e alegre, sempre grávida – teve 12 filhos em 17 anos – assim mesmo encontrava ânimo para tocar piano, cantar no coro do compositor Haydn, promover festivais e organizar uma orquestra particular em que tocava o próprio imperador. Amava os bailes.

Entretanto, não reinava a futilidade no lar dos Habsburgo. Os jovens príncipes e princesas eram educados segundo os princípios, severos mas avançados para a época, do avô Leopoldo II (1747-1792), que dizia que “Os príncipes devem convencer-se em primeiro lugar da igualdade entre os homens, de que todos têm os mesmos direitos e devem sacrificar àqueles toda a sua existência...

quando um dos nossos herda um trono, não se trata, como outrora, de uma propriedade adquirida, mas sim de um cargo, uma pesada incumbência”. Eram ensinados a desprezar a mentira, a praticar a caridade e a tratar todos com cortesia, independente da classe social, a seguir estritamente os ensinamentos da Igreja e, acima de tudo, a obedecer aos pais e a sacrificar os próprios desejos às necessidades do Estado.

Os jovens aprendiam a desprezar a mentira, a praticar a caridade, a tratar todos com cortesia, independente da classe social

Leopoldina, loura, de pele alva e olhos azuis, era viva e brincalhona, voluntariosa até onde lhe permitia a rigidez de sua educação. Sua vida se dividia entre os palácios de Hoffburgo, o de Schönbrunn, que rivalizava em luxo com Versalhes, e o mágico palácio de férias, Laxemburgo, com seus rios, lagos, ilhas e grutas. Às princesas era designada uma aia – substituída por uma camareira quando se aproximavam da idade adulta. A essas senhoras cabia ensinar-lhes a etiqueta da corte e acompanhá-las em público. Cada princesa tinha também a seu serviço uma açafata, espécie de

Vista atual do Palácio de Schönbrunn em Viena. O local foi frequentado por Leopoldina em sua juventude, no começo do século XIX.



Desenho da própria arquiduquesa Leopoldina feito em sua infância traz casinha de brinquedo no parque do palácio de Luxemburgo (s/d).

Na página ao lado, o retrato do chanceler austríaco Klemens von Metternich, 1822. Ele foi o grande responsável pela arquitetura do casamento de Leopoldina e D. Pedro. "Nossas princesas não estão acostumadas a escolher seus maridos segundo o coração", dizia.



REPRODUÇÃO / ORIGINAL DA BIBLIOTECA NACIONAL DA ÁUSTRIA, VIENA

ama ou criada. Leopoldina dedicava grande afeto a Francisca Annoni, sua ama, que a acompanharia em seus primeiros meses no Brasil.

Professores vinham diariamente instruir os príncipes e as princesas, sob a supervisão exigente da imperatriz, que não hesitava em deixar de castigo quem não cumprisse as tarefas. Bailados, atuar em peças teatrais, tocar instrumentos diante de uma plateia eram atividades de que parti-

Foi um momento difícil para Leopoldina, que sabia que a irmã abria mão de um casamento por amor para se unir àquele que haviam aprendido a odiar

cipavam com frequência, para que perdessem a timidez e se acostumassem a estar diante dos olhos do público.

Em 1805, essa plácida rotina foi rompida pelo avanço de Bonaparte. A família imperial se viu obrigada a fugir, e Napoleão se instalou em

Schönbrunn. A Áustria e sua aliada, a Rússia, foram derrotadas em Austerlitz, e as condições para a paz, humilhantes para a Áustria, que perdeu mais territórios. Em agosto de 1806 deu-se a dissolução definitiva do Sacro Império Romano.

Em 13 de abril de 1807, um dia após dar à luz uma princesa que não lhe sobreviveria, faleceu em Viena a imperatriz Maria Teresa, aos 35 anos. Menos de um ano depois, Francisco I se casou com a prima Ludovica d'Este, de 20 anos. Apesar da extrema juventude, tratava-se de uma mulher extraordinária, bela, elegante, muito culta, dotada de grande força de vontade. Não tendo filhos, dedicou-se aos enteados e teve profunda influência sobre Leopoldina.

Professores se sucediam diariamente depois da missa, celebrada às 8h30 da manhã: alemão, latim, francês, italiano, história, desenho, matemática, música e religião. E, preferidas por Leopoldina, mineralogia, botânica, astronomia, física. Pelos poucos desenhos de Leopoldina que restaram, percebe-se que era talentosa. Na música foi também



boa aluna. Era dispersiva, dedicando-se com maior afinho ora a uma, ora a outra atividade, o que impedia que se aprofundasse em qualquer uma delas. Além do estudo, parte do tempo era reservada a caminhadas, fazer ou receber visitas, idas ao teatro, concertos e museus.

Em maio de 1809 a vida familiar novamente se desorganiza. Em guerra contra os franceses, as tropas austríacas vencem a batalha inicial, mas em julho são derrotadas em Wagram. Bonaparte mais uma vez se aproxima de Viena, obrigando Ludovica a fugir. Em Eger, na Boêmia, instala-se com os enteados numa hospedaria pouco confortável e já lotada de refugiados. Leopoldina faz sua primeira comunhão. A imperatriz, que pouco tempo antes escrevia ao marido que tivera necessidade de castigar severamente Leopoldina por seu mau comportamento, agora louva sua sensatez, sua devoção e sua aplicação aos estudos.

Finda a guerra, sabem com horror que o preço a pagar pelo armistício será mais pesado que a perda de territórios. Bonaparte, que conseguira do Papa a anulação de seu casamento, exige a

mão de Maria Luísa. O novo primeiro ministro, Klemens von Metternich (1773-1859), tranquiliza os emissários franceses que vêm pedir a mão da arquiduquesa: "nossas princesas não estão acostumadas a escolher seus maridos segundo o coração", e aconselha o imperador a ceder, enquanto refazem as forças para novamente enfrentar aquele que as monarquias europeias intitulam "o monstro", "o Anticristo", "a hidra".

Foi um momento difícil para Francisco I, obrigado a ceder a filha ao destruidor de seu império, para Maria Luísa, que amava o tio Francisco d'Este, e para Leopoldina, que perdia a companhia da irmã predileta que abria mão de um casamento por amor para se unir àquele que haviam aprendido, desde a infância, a odiar. Encontra alívio nos livros e nos



Abaixo, a despedida das irmãs Maria Luísa e Leopoldina em 13 de março de 1810, em Viena.





Saiba Mais

GRAHAM, Maria.
Correspondência com o
Imperatriz Leopoldina
e o escorço biográfico de
D. Pedro I. São Paulo:
Editora Itatiaia, 1997.

BERACKER Jr.,
Carlos H. A *Imperatriz
Leopoldina, sua vida e
sua época*. S.l.: Editora
Conselho Federal de
Cultura, 1973.

Casamento religioso
de Napoleão
Bonaparte e Maria
Luísa de Habsburgo
no Salão francês
do Louvre, em
02 de abril de 1810.

estudos, que a ocupam cada vez mais e, principalmente, na religião. É admitida na Ordem da Cruz da Estrela, uma ordem religiosa de senhoras nobres que prometiam dedicar suas vidas à oração, à caridade e a cultivar a modéstia, tanto no trajar quanto em suas atitudes.

Ludovica, de saúde frágil, é aconselhada a fazer uma estação de águas em Karlsbad. Leva consigo Leopoldina, que parecia precisar também das águas curativas, tão triste se mostrava. No ambiente informal de um balneário, Leopoldina convive com jovens de sua idade e, acompanhada de sua camareira, participa de passeios pelos arredores. Hospedado no mesmo hotel está o poeta von Goethe que, apresentado a Ludovica, sente-se agradavelmente surpreso ao constatar que se trata de uma mulher dotada de inteligência superior e sensibilidade. A jovem imperatriz e o velho poeta mantêm encontros frequentes em que Goethe lê alto obras suas e de outros autores germânicos. Leopoldina, presente em muitas dessas ocasiões, tem o gosto despertado para esse gênero de literatura.

Em Viena, levam-na aos arredores da cidade, para visitar castelos, museus, fábricas, bibliotecas. Na volta, deve apresentar um relatório descrevendo o que viu.

Em 1812 Francisco I e Napoleão se encontram em Dresden. Terminada a conferência, Napoleão concede férias a Maria Luísa para que visite a família, que se encontra em Praga, e Leopoldina revê, depois de dois anos de ausência, a irmã bem-amada. Ao se despedirem, não imaginam que estarão juntas muito antes do que podem supor.

No mesmo ano, após derrotar a Rússia na batalha de Borodino, Napoleão é obrigado a se retirar: os russos incendiaram Moscou. As tropas francesas se arrastam de volta para casa em meio ao inverno rigoroso, deixando atrás de si um rastro de cadáveres congelados. A Rússia se alia à Prússia, à Inglaterra e à Suécia para enfrentar Bonaparte. A Áustria não deixa de aderir. Após uma vitória em Dresden, a sorte parece sorrir ao imperador francês. Mas vai sendo rechaçado sucessivamente e, após a derrota final em Leipzig, abdica e parte para o exílio em Elba. Pouco depois Maria Luísa, sem o título de imperatriz, vem para a casa dos pais com o filhinho.

Os monarcas da Europa se reúnem em Viena, para redefinir fronteiras e alianças, no chamado Congresso de Viena, que traz alguns aborrecimentos a Leopoldina: “a gente está de pé desde de manhã cedo... em trajes de gala, e passa o dia em cumprimentos e ociosidades”, escreveu a princesa. Sem que o suspeitem os convidados, Ludovica, muito doente, sofre dores atrozes, mas é soberbamente vestida e com um sorriso nos lábios desempenha seu papel de anfitriã. Terminado o Congresso, segue com o marido para a Itália, na esperança de que o clima ameno lhe seja útil. Mas vem de Verona o aviso de seu falecimento.

Durante uma estada em Baden, Leopoldina conhecera o diplomata português Navarro de Andrade, que a considera a noiva ideal para Pedro, herdeiro do trono português, no momento vivendo no Brasil com a família, que ali se refugiara de Bonaparte. Ao ver o retrato de Pedro pintado num medalhão cercado de brilhantes, a princesa se apaixona.

O Brasil é longe, a travessia marítima perigosa, mas Metternich aponta a Francisco I as vantagens políticas desse casamento. No mesmo dia em que o imperador se casa pela quarta vez, com uma princesa da Baviera, o noivado de Leopoldina é anunciado. **H**



SONIA SANT'ANNA É AUTORA DE *LEOPOLDINA E PEDRO I – A VIDA PRIVADA NA CORTE* (ZAHAR, 2004).

ANDRÉA SLEMIAN

Fidelidade, acima de tudo, à monarquia

Leopoldina passou por sacrifícios para conservar o poder e teve papel fundamental na Independência



AINDA HOJE PREDOMINA NO SENSO COMUM uma visão de D. Leopoldina como esposa dedicada a D. Pedro, que teria sofrido por não ser correspondida, constantemente traída pelo jovem imperador, obscurecida pela marquesa de Santos. Ao mesmo tempo, ela é vista como uma das principais responsáveis pela Independência, que teria apoiado o movimento devido ao amor que nutria pelo Brasil e por seus habitantes. Como se poderia explicar o papel de esposa abnegada a partir do afínco com que a imperatriz atuou politicamente nos idos de 1822 no Rio de Janeiro?

Sob o título de arquiduquesa, D. Carolina Josefa Leopoldina nasceu em 1797, filha de Francisco II e de



D. Maria Teresa, da casa de Habsburgo, uma das mais tradicionais da Europa. Destacavam-se pela defesa do ideal monárquico absolutista, contra a Revolução Francesa de 1789 e a ascensão de Napoleão Bonaparte – fantasmas permanentes que aterrorizavam a ordem conservadora.

A jovem Leopoldina, educada com esmero no ambiente ilustrado da Corte de Viena, demonstrava compreender o lugar que lhe fora destinado. Princesas como ela desempenhavam um papel importante na política de casamentos entre as famílias reais, o que assegurava acordos e pactos de alianças entre os Estados e a própria reprodução monárquica. O destino dos jovens príncipes e princesas já estava traçado desde muito cedo em função dos acertos políticos. A arquiduquesa sabia muito bem disso e, na época, esperava que chegasse a sua vez.

Antes de Leopoldina completar 19 anos, idade já considerada tardia para os matrimônios das

princesas, o imperador Francisco escolhera para seu cônjuge o herdeiro da Coroa portuguesa que, junto com toda a Corte, cruzara os mares em 1807 e 1808, instalando-se no Rio de Janeiro. A escolha não foi por acaso: a Coroa portuguesa também era afeita aos ideais monárquicos absolutistas defendidos pelo governo da Áustria.

Ainda que Leopoldina pudesse alimentar a expectativa de amar seu futuro esposo, a vontade de cumprir seu papel político de princesa acabaria falando alto. Ambos os sentimentos eram faces da mesma moeda. Ela sabia que, ficando solteira, continuaria a viver na Corte de Viena, e nunca sairia de sua condição de arquiduquesa. Na América, poderia vir a se tornar rainha, sonho de qualquer uma da sua condição. Foi por isso que mais tarde, já no novo continente, escreveria: “por mais difícil que seja a separação de minha família, meu destino é o Brasil e o cumprirei com prazer o mais rápido possível”. Como alento para

Sessão do Conselho de Estado que decidiu a Independência, óleo sobre tela de 1922, de Georgina de Albuquerque. Destaque para a imperatriz presidindo a reunião.

Na página anterior, joias que pertenceram à Leopoldina.



Saiba Mais

BOJADSEN, Angel
(coord.). D. Leopoldina.
Cartas de uma imperatriz.
São Paulo: Estação
Liberdade, 2006.

JANCSÓ, I.
*Independência: História e
Historiografia.* Vol. I. São
Paulo: Hucitec/ Fapesp,
2005.

LACOMBE,
Américo Jacobina
(trad.). *Correspondência
entre Maria Graham
e a Imperatriz Dona
Leopoldina.* Belo
Horizonte: Editora
Itatiaia, 1997.

a grande viagem que a esperava, havia a promessa de que a família real portuguesa ainda regressaria à Europa.

Logo após a sua chegada em 1817, no entanto, as condições lhe pareceram muito adversas e a vida na nova terra, decepcionante. O clima, a dificuldade em encontrar livros e entretenimentos que fossem comparáveis aos teatros, concertos e saraus vienenses, aliados à dificuldade em achar interlocutores à altura de sua cultura, além de um desapontamento em relação a algumas pessoas da família real, seriam frequentemente notados por ela.

Leopoldina logo encarou uma de suas obrigações como princesa: a de ter filhos, e assim servir como prolongadora da dinastia. Já em meados de 1818 ela engravidou da primeira filha, Maria da Glória, que nasceu no ano seguinte. Depois, vieram mais cinco rebentos, praticamente um por ano: D. João Carlos, o príncipe da Beira, em 1821 (morto no ano seguinte); D. Januária, em 1822; D. Paula

*Era claro que sua ação política sempre
tentou manter a fidelidade à tradicional
legitimidade monárquica*

No alto da página,
D. Leopoldina com
os filhos, em 1821.
Ao lado, o juramen-
to da imperatriz
à Constituição do
Império do Brasil, em
1824.



MUSEU PAULISTA - USP

ARQUIVO NACIONAL

Mariana, em 1823; D. Francisca Carolina, em 1824; e D. Pedro (futuro D. Pedro II do Brasil), em 1825.

A atuação política de Leopoldina ganhou mais importância na Corte portuguesa no início da década de 1820. Isto porque ela tinha clareza analítica da realidade e consciência de sua obrigação em defender os interesses da Áustria e dos Habsburgo diante do futuro da América. Era parte de suas funções tecer relações políticas, o que muitas vezes fazia de forma bem ostensiva. No melhor sentido do termo, Leopoldina também foi estadista.

O momento político era conturbado e favorecia a sua participação nos negócios da Corte. Em agosto de 1820, um movimento na cidade do Porto, em Portugal, adquiriu forma revolucionária e voltou-se contra a monarquia absolutista. No começo de 1821, instalou-se uma assembleia de eleição popular – chamada de *Cortes* – que iniciou seus trabalhos com o principal intuito de elaborar uma Constituição em moldes liberais. Contestava-se a permanência do monarca na América, exigindo sua volta e o fim do destaque dado ao Brasil no conjunto da política imperial. As Cortes tiveram ampla adesão no Império, forçando D.



João VI, que se encontrava no Rio de Janeiro, a reconhecer o movimento constitucional em fevereiro de 1821.

Leopoldina reagiu a esses acontecimentos com extrema preocupação. Era claro que sua ação política sempre se voltou para manter a fidelidade à tradicional legitimidade monárquica, tão bem representada pelos Habsburgo na Europa, e que rejeitava qualquer tipo de movimento constitucional. O que mais a preocupava era o comportamento do marido que, na sua visão, simpatizava demais com as exigências liberais dos revolucionários.

A adesão às Cortes gerou um clima de instabilidade na cidade, principalmente por causa da falta de acordo acerca da residência real. Naqueles dias também se cogitava que o príncipe D. Pedro pudesse ir para a Europa, permanecendo o monarca no Rio de Janeiro. Leopoldina, que se encontrava em vias de ter seu segundo filho, fez manobras para que ela e o marido pudessem voltar ao velho continente. Chegou mesmo a escrever para o pai pedindo que intercedesse neste sentido. No entanto, em abril de 1821, D. João VI e sua esposa partiram para Lisboa, deixando D. Pedro como Regente no Brasil.

A partida do rei reforçou as disputas entre os grupos que lutavam por maior espaço de poder na Corte, e que chegaram a causar violentos distúrbios urbanos. A princesa, que se encontrava no olho deste furacão, mesmo considerando arriscadíssima a medida de continuar na América por tempo indeterminado, concebeu que poderia ser esta a solução em nome da ordem monárquica no novo continente. Dessa forma, desde meados de 1821, a princesa via como positiva a permanência de seu esposo no Brasil, demonstrando que, como conservadora que era, não abandonaria a defesa da legitimidade dinástica.

A princesa, que temia profundamente qualquer alteração radical na ordem política, foi partidária da Independência do Brasil, desde que ela não cedesse aos excessos liberais. Por isso, aproximou-se de José Bonifácio de Andrada e Silva e de grupos afeitos a ele que, em 1822, atuavam contra as Cortes e qualquer tipo de sublevação social. Foi quando apoiou a permanência do príncipe no Brasil – simbolizado no dia do “Fico” – passando a defender também a Independência, antes mesmo do marido.

Do ponto de vista de Leopoldina, a separação de Portugal teve outra incontestável vantagem: a

conservação da monarquia. Com o desejo de “afastar o espírito popular das ideias republicanas”, chegou a considerar-se vitoriosa ao se tornar imperatriz do Brasil. Nessa condição, realizou mais uma de suas atribuições políticas: intercedeu diplomaticamente junto ao pai, em 1823, para que a Áustria aceitasse o Brasil como Estado independente e assumisse o papel de seu aliado.

Aproximou-se de José Bonifácio de Andrada e Silva e de grupos afeitos a ele que, em 1822, atuavam contra as Cortes e qualquer tipo de sublevação social

É fato que a satisfação que demonstrou nos idos de 1822 nem sempre a acompanhou nos anos seguintes, já que a Independência, encabeçada pelo Centro-Sul do país, também gerou violentas respostas de outras províncias. Apesar disso e da constante reclamação pela falta de interlocutores na cidade, a imperatriz se manteve atenta à movimentação política até seus últimos dias de vida, no ano de 1826. Mesmo afirmando ser o Brasil seu lugar, não deixou de confessar ser um “sacrifício” viver na América, o que nos faz pensar que a tarefa de cumprir os desígnios de sua dinastia seria a única arma capaz de neutralizar o peso do seu sofrimento. **H**

ANDRÉA SLEMIAN É PROFESSORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO E AUTORA DE *SOB O IMPÉRIO DAS LEIS: CONSTITUIÇÃO E UNIDADE NACIONAL NA FORMAÇÃO DO BRASIL (1822-1834)*. (HUCITEC, 2009).

Aclamação de D. Pedro como imperador do Brasil no dia 12 de outubro de 1822. Vitória política também de Leopoldina, que havia defendido a Independência, antes mesmo do marido.



Palavras de imperatriz

Cartas de Leopoldina no Museu Imperial destacam sua importância como protagonista política

Retrato de D. Leopoldina, então arquiduquesa da Áustria, feito em Viena. Antes de viajar para o Brasil, a jovem escreveu para seu futuro sogro, D. João VI.

Leia mais no site da Revista de História para www.rhbn.com.br

Seminário Internacional "Leopoldina e seu tempo: sociedade, política, ciência e arte no século XIX" De 14 a 16 de outubro, das 9h às 18h. Museu Histórico Nacional Praça Mal. Âncora – Centro, Rio de Janeiro. Inscrições gratuitas/ Vagas limitadas (200) Mais informações: (21) 3299-0338 ou mhn.pesquisa@museus.gov.br.

"COM A MAIOR IMPACIÊNCIA, esperei este momento em que me é permitido exprimir a Vossa Majestade todos os sentimentos que me invadiram quando o Imperador, meu Augusto Pai, me anunciou que Vossa Majestade me concedia a honra de pedir minha mão para o Príncipe do Brasil, seu querido filho". Assim começa a carta escrita pela então arquiduquesa Leopoldina, do Império Austro-húngaro, ao seu futuro sogro, D. João VI, em 16 de abril de 1817. Esta é apenas uma das mais de 200 correspondências referentes à imperatriz, que hoje estão no acervo do Museu Imperial de Petrópolis, no Rio de Janeiro.

Há mais de 50 arquivos e coleções no Museu Imperial com documentos que fazem referência à imperatriz, de acordo com Thais Martins Lepeteur, pesquisadora do setor de Arquivo Histórico. São cartas escritas por D. Leopoldina para parentes, clérigos, naturalistas, políticos, entre outras personalidades de sua época, bem como correspondências endereçadas a ela e a seu marido, D. Pedro I. Além

desses manuscritos, a lista de itens do rico acervo inclui documentos oficiais de Estado, diários de viagens, cadernos de pesquisas em ciências naturais – tanto da imperatriz quanto de seu marido – e notas sobre aquisições de bens e sobre

a herança da monarca. "Não foi elaborado um catálogo definitivo da documentação sobre D. Leopoldina, e sim uma listagem preliminar que ainda passará por revisão", ressalta Thais. Ainda assim, a museóloga garante que a documentação tem sido frequentemente consultada ao longo dos 70 anos da instituição.

Segundo Viviane Tessitore, mestre em História Social pela Universidade de São Paulo (USP), o estudo das cartas relacionadas à D. Leopoldina permitem a visualização de traços da personalidade da imperatriz, aspectos de seu cotidiano e da Corte em parte do período joanino e do Primeiro Reinado, bem como sua relação com o marido, familiares e amigos. "Podemos visualizar também algo do significado político de seu casamento com D. Pedro I



e muito do seu protagonismo no cenário político da Independência e do primeiro Reinado", ressalta a pesquisadora. Seus textos demonstram o grande carinho e parceria na relação com seu marido.

Em carta a Dom

Pedro I, de 19 de agosto de 1822 (São Cristóvão, Rio de Janeiro), D. Leopoldina escreveu: "Meu querido e prezado esposo. Mesmo sendo privada de notícias suas, que é muito custoso a meu coração, acho meu dever e único meio de aliviar as minhas saudades escrever-lhe. (...) Chegou um navio de Nantes [França], que trouxe a notícia de que o exército francês forte de 1.000.000 de homens passou os Pirineus; que os austríacos e os prussianos são na Itália fortes de 2.000.000 de soldados, para fazer guerra à Península, e que o Marechal Beresford [militar inglês, comandante-chefe do exército português na luta contra os franceses] saiu da Inglaterra com 20 navios".

As palavras articuladas e as informações detalhadas redigidas pela imperatriz eram fruto da disciplinada e apurada

O tempo de Leopoldina

A imperatriz é tema do Seminário Internacional "Leopoldina e seu tempo: sociedade, política, ciência e arte no século XIX", que acontecerá em outubro, promovido pelo Museu Histórico Nacional. O evento também marca a abertura da exposição "Leopoldina – Imperatriz do Brasil", em cartaz no MHN até o início de 2015.

Os conhecimentos da imperatriz eram valiosos para D. Pedro I e para a política externa e interna do Brasil. “Ela desempenhou papel importante na cena política da época, intermediando a vinda de colonos e soldados germânicos e servindo de intérprete na chegada dos mesmos, além de se empenhar junto ao pai, o imperador Francisco I, pelo reconhecimento da Independência e proclamação do Império do Brasil”, declara a pesquisadora Maria de Lourdes Viana Lyra, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. A pesquisadora também chama a atenção para a importância documental das centenas de cartas escritas por D. Leopoldina encontradas em arquivos da Áustria e de Portugal, “por ressaltar o perfil de agente atuante e plenamente consciente do papel assumido com o casamento que lhe cabia

Para ela, isso mostra a necessidade de “urgente revisão do perfil da D. Leopoldina, usualmente retratada como personagem secundária e sem a devida importância em muitos trabalhos historiográficos”.

(DÉBORAH ARAUJO)

Cartas da imperatriz Leopoldina do acervo do Museu Imperial de Petrópolis. A monarca se correspondia com parentes, naturalistas, clérigos, entre outras personalidades de sua época.

Am. p. 10. & 11. & 12. & 13.

[illegible]

MARY DEL PRIORE

Último desejo

No leito de morte, Leopoldina recebeu a visita da amante de seu marido. Ainda assim, teve forças para atacá-la

N

ÃO HOUVE FESTA NO PRIMEIRO ANO de aniversário do futuro D. Pedro II. Em vez disso, no dia 2 de dezembro de 1826, boletins médicos davam conta da grave situação em que se encontrava sua mãe, a imperatriz Leopoldina. No dia 3, eles anunciavam febre, evacuações biliosas, pouco sono, “tosse gutural teimosa”, “algum tremor de mãos” e “meteorismo” (acúmulo de gases). Na noite do dia 4, Leopoldina teve pesadelos e “assaltos espasmódicos”. Chamou os criados da família imperial e pediu-lhes perdão se estivessem ressentidos com algo que ela não soubesse. Na madrugada do dia 5, ela sofreu “treze evacuações biliosas com mau cheiro”. No sexto dia,





MUSEU HISTÓRICO NACIONAL / IBRAN / INESC

Na página 33, a alegoria ao falecimento da primeira imperatriz, de autoria do pintor e gravador Antônio do Carmo, traz o retrato de D. Leopoldina dentro de medalhão elevado aos céus.

Leopoldina começou a se desfazer em líquidos. No dia seguinte, resolveram os médicos aderir a outro tipo de medicação: cânfora, éter, vinho quinado e “vesicatórios na nuca”.

Nesse dia, a Irmandade de Nossa Senhora da Glória organizou procissão e o esquadrão de cavalaria de Minas Gerais uniu-se aos moradores em preces, em Mata-Porcos. Chovia no Rio de Janeiro,

Enquanto convalescia, os sentimentos da submissa imperatriz, contidos por tanto tempo, explodiam

No alto, retrato de D. Domitila de Castro, em tela a óleo de Francisco Pedro do Amaral, no início do século XIX. Com a morte da imperatriz, a amante de D. Pedro sofreu a rejeição de quase toda a população do Brasil.

e os súditos, com vestes ensopadas, choravam. No oitavo dia, Leopoldina começou a suspeitar dos remédios que lhe davam. Delirava, amaldiçoando a amante do marido. Atribuía-lhe poderes de feitiçaria negra. Reagia com gritos ao vê-la. Os sentimentos da submissa imperatriz, contidos por tanto tempo, explodiam. Foram anos em que dividira a cena com a paulista, escondendo sob uma capa de cordialidade o ódio e o desprezo que sentia.

No dia 9, mencionou-se a expulsão dos restos de placenta. Piorava de hora em hora. Na tarde do

dia 10, o capelão foi chamado para ministrar-lhe a extrema-unção. O barão de Mareschal, ministro diplomático da Áustria e um dos que podiam ficar no quarto da imperatriz, acrescentou que, “quando o Bispo começou a recitar a prece dos agonizantes, Sua majestade se encontrava em estado convulsivo, o abatimento aumentando a cada instante, o que somente lhe permitia gemer fracamente”.

O boletim do 17º dia trouxe a notícia: “pela maior das desgraças se faz público, que a enfermidade de Sua majestade e a imperatriz resistiu a todas as diligências médicas empregadas com todo o cuidado por todos os médicos da imperial Câmara. Foi deus Servido chamá-la a Si pelas dez horas e um quarto”. Nenhuma palavra oficial sobre o aborto de um feto do sexo masculino de três meses.

Não se sabe ao certo quando, acamada, Leopoldina ditou uma última carta endereçada à sua irmã mais velha, Louison. Traçou-a a marquesa de Aguiar, sua camareira. “Minha adorada mana, reduzida ao mais deplorável estado de saúde e chegada ao último ponto de minha vida no meio dos maiores sofrimentos, terei também a desgraça de não poder eu mesma explicar-vos todos aqueles sentimentos que há tanto tempo existiam em minha alma, minha mana. Não vos tornarei a ver! Não poderei outra vez repetir que vos amava, que vos adorava! Pois, já que não posso ter essa tão inocente satisfação, igual a outras muitas que permitidas me não são, ouvi o grito de uma vítima que vos reclama não vingança, mas piedade e socorro do fraternal afeto para inocentes filhos que órfãos vão ficar em poder de si mesmos ou das pessoas que foram os autores das minhas desgraças, reduzindo-me ao estado em que me acho”.

Ela, que sempre fora resignada e muda, mergulhada numa tristeza que a deixava à beira da loucura, não tinha só a preocupação de alertar a família para os riscos que corriam os filhos – sua única fonte de alegria e razão política do casamento. Aos 29 anos, mãe de cinco filhos vivos, a moribunda acusava: “Há quase quatro anos, minha adorada mana, como vos tenho escrito, por amor de um monstro sedutor, me vejo reduzida ao estado da maior escravidão e totalmente esquecida do meu adorado Pedro. Ultimamente, acabou de dar-me a prova de seu total esquecimento a meu respeito maltratando-me na presença daquela mesma que é a causa de todas as minhas desgraças. Muito e muito tinha a dizer-vos, mas faltam-me forças para me lembrar de tão horroroso atentado que será sem dúvida a causa da minha morte”.



Pela última vez confessava a solidão e o abandono a que fora relegada pelo marido e pela própria família. Se publicamente não reagira ao escândalo, usava a privacidade de uma carta para acusar o companheiro e sua amante. O lamento de Leopoldina registrava então sua luta por um amor unilateral, em que tudo virara armadilha. Nas últimas correspondências, dizia-se arrependida de ter casado.

Contou Francisco Gomes da Silva, o Chalaça, que D. Pedro, seu amigo, sentiu o golpe. Apesar de atarefado em meio a mapas, tropas e projetos de campanha no sul do país, recebeu a notícia com “profunda mágoa”, “tremeu e arrancou os cabelos”. A comitiva que o acompanhava reuniu-se. Em sua correspondência, o Conselho de ministros foi mais específico. Depois de apresentar pêsames, confessava-se no dever de comunicar que a jovem imperatriz, em seus delírios, deixara perceber as causas de seu mal. Eram de ordem moral: desgostos e ressentimentos. A opinião pública também já tinha conhecimento desses fúnebres queixumes ditos no momento de sua despedida. Para piorar, os inimigos republicanos de D. Pedro aproveitaram para lançar uma campanha difamatória e retomar a cena política. No dia 4 de janeiro, a nau D. Pedro I largava de Santa Catarina, trazendo a bordo o viúvo.

Não se sabe o que deu na amante, Domitila, mas, no auge da crise, ela quis entrar na câmara da doente. “A concubina deu provas de imprudência e loucura”, registrou Mareschal. “Seus ares imperiais ao atravessar os cômodos, como se estivesse tomando posse, e o tom arrogante e escandaloso de seus lamentos fizeram com que a dama de companhia incumbida, segundo os costumes, de presidir a consulta dos médicos, não a recebesse”. Conseguiram barrar-lhe a passagem, mas Titília, por sua vez, impediu que a jovem mãe, em agonia, visse seus filhos.

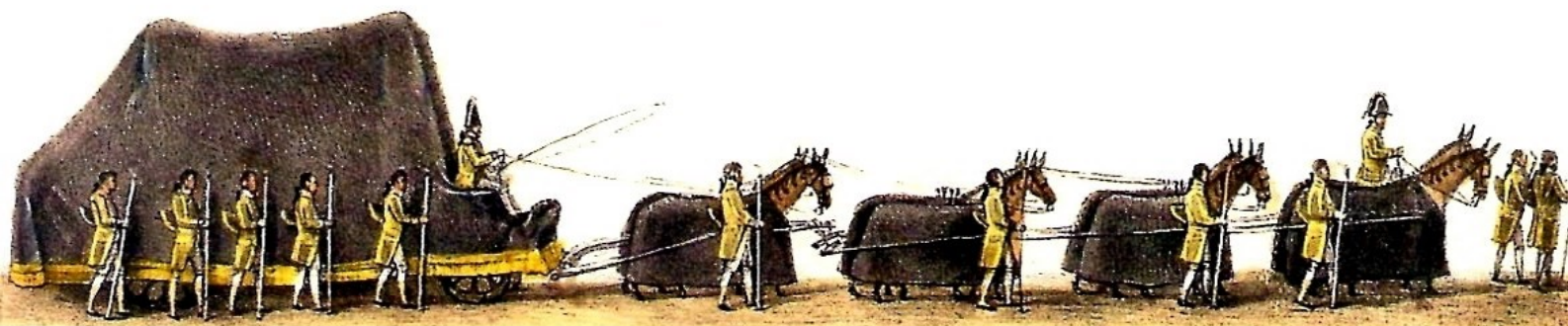
A notícia correu sobre um rastilho de pólvora. A aparência do povo não era mais desordenada,



“[Pedro] acabou de dar-me a prova de seu total esquecimento a meu respeito maltratando-me na presença daquela mesma que é a causa de todas as minhas desgraças” (Leopoldina)

curiosa, inquieta. Queria vingança contra aquela que era considerada a causa da morte da querida imperatriz. Circulava que a concubina se mancomunara com o cirurgião-mor para envenenar a imperatriz; que o verdadeiro príncipe tinha sido trocado pelo bastardo. Cartas anônimas agora eram endereçadas aos ministros. Estes reagiram, falando em afastar Titília da corte. Dois tiros foram disparados contra um dos cunhados da marquesa de Santos, o coronel Oliva. Em fúria, a multidão dirigiu-se

O Monumento (acima) e o cortejo fúnebre da imperatriz Leopoldina, em litogravura de Thierry Frères, publicada na obra *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil* (1834-39), de Jean Baptiste Debret.





Saiba Mais

LUSTOSA, Isabel. D. Pedro I, um herói sem nenhum caráter. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

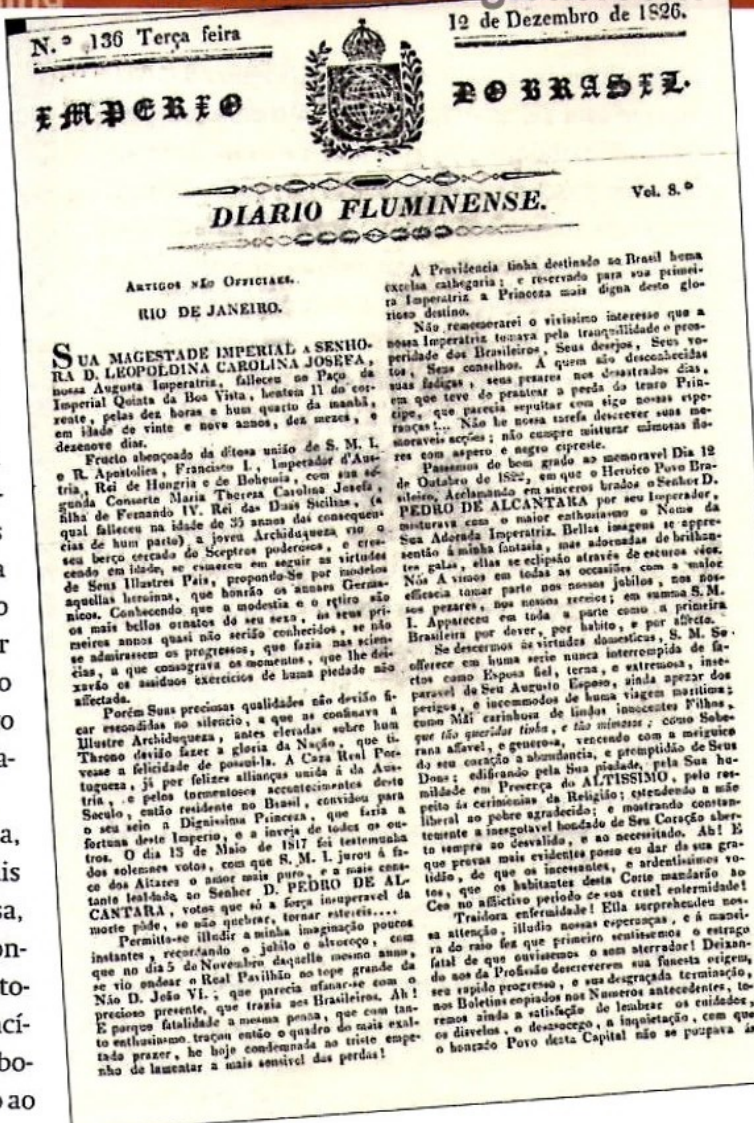
REZZUTI, Paulo. *Titília e o Demônio – Cartas inéditas de D. Pedro I à Marquesa de Santos*. São Paulo: Geração Editorial, 2011.

Primeira página do jornal *Diário Fluminense*, de 12 de dezembro de 1826, relatando a morte da imperatriz Leopoldina e suas várias "virtudes".

a São Cristóvão. A casa da marquesa foi cercada e apedrejada. Chamaram-se reforços. Vieram patrulhas de cavalaria proteger os muros e as portas do palacete.

Por carta, a favorita não perdeu tempo em contar ao amante que fora destrutada e barrada à entrada do quarto de Leopoldina. O imperador não perdeu tempo em consolá-la: "Minha querida filha de meu coração e minha amiga. (...) Eu tomo nojo [luto] por oito dias, e esta é a única razão que faz com que eu não vá logo. (...) Pedro I que é teu verdadeiro amigo saberá vingar-te de todas as afrontas que te fizeram ainda que sua vida lhe custe. É ao mesmo tempo com todo o gosto, e verdade que tenho o prazer de poder dizer com toda a franqueza e contentamento que sou o teu mesmo amante, filho e amigo fiel constante, desvelado, agradecido e verdadeiro, digo outra vez, amante fiel".

Se, por um lado, o povo culpava Domitila, por outro, santificava Leopoldina. Os jornais cobriam-na de adjetivos: virtuosa, bondosa, gentil. Enterrava-se a imagem da dona de convicções hereditárias: monarquia absoluta, autoridade real e obediência dos súditos eram princípios sacrossantos que a Habsburgo levou embora consigo. Do sobrado à senzala, do comércio ao



Honras à imperatriz

Em sua Viena, Leopoldina teria sido conduzida à Cripta dos Padres Capuchinhos, lugar de sepultura dos Habsburgo desde 1633. Separavam-se as entranhas e o coração dos defuntos. As primeiras seriam enterradas nas catacumbas da Catedral de São Tiago, e o coração, na cripta da Igreja dos Agostinianos. O corpo ficaria no túmulo octogonal que acolhia cinco caixões dispostos simetricamente. Seus ancestrais tinham também uma cerimônia de admissão solene. A procissão que carregava o corpo detinha-se à porta. Um arauto batia pedindo para entrar. Uma voz perguntava: "Quem quer ser admitido?". Resposta: o nome do defunto com todos os seus títulos. Do interior, os capuchinhos respondiam em coro: "Não o conhecemos". A pergunta se repetia e a resposta

trazia os títulos abreviados: "Não o conhecemos". Na terceira vez, a resposta era o nome simples, acrescido de "um pobre pecador". E a porta da cripta se abria.

Aqui, as exéquias mantinham a tradição portuguesa do luxo e da sofisticação. Os sinos soavam em soluços profundos. A orquestra executava o ofício dos mortos, enquanto o corpo entrava pela porta do claustro, carregado por aristocratas. Os documentos do óbito eram entregues com toda a cerimônia para a abadessa. Em toda parte, uma música tenebrosa. As lágrimas dos presentes eram de dor e temor. Uma coroa dourada era depositada sobre o esquife. Às 2 da manhã, salvas de artilharia, replicadas por aquelas disparadas das fortalezas e das embarcações, marcaram o encerramento da cerimônia.

zungu, onde se reuniam escravos, das ruas às estradas, o povo chorava. Silenciavam as ruas, sem os gritos das "vendeiras" e dos cativos prestadores de serviços, sem o peditório de mendigos e de irmãos de confrarias, sem o canto dos presos que carregavam água ou dos escravos carregadores de café.

No curto espaço de tempo que foi de março de 1826 à sua morte, D. Leopoldina foi, além de imperatriz do Brasil, rainha de Portugal. Entre seu casamento e a Independência do Brasil, encontrou-se princesa do Reino Unido. Nenhum dos títulos lhe trouxe alegrias.

Civilidade, educação, compostura, importados de uma das mais refinadas cortes europeias, iam-se para debaixo da terra com o corpo sofrido de Leopoldina. Certa maneira de ser, baseada na contenção dos sentimentos e no autocontrole em curso na vida burguesa que se forjava além-mar, consumia-se. Sob o sol dos trópicos, os hábitos eram outros. **H**

MARY DEL PRIORE É PROFESSORA DA UNIVERSIDADE SALGADO DE OLIVEIRA E AUTORA DE A CARNE E O SANGUE (ROCCO, 2012).